

VESTIDO BRANCO

Ilka Valle de Carvalho

Madrinha Tonha já contou que o diabo do velho invernou mesmo na idéia. Ela sabe com certeza porque ficou esses dias todos lá no Jequeri fazendo muito sabão e goiabada. Chego a pensar que isso é coisa-feita, mandraca da forte, só Deus sabe do que ele é capaz. Inda antes-de-ontem, foi aquela visita fora de hora. Nem bem apeou do cavalo, a primeira coisa que fez foi escarafunchar com o olho a janela do meu quarto, aquele condenado. E mamãe, não sei o que deu nela. É uma adulação só: cunhado, terra boa está ali, a melhor da redondeza, você precisa é de uma pessoa de confiança pra lhe ajudar dentro de casa, um casarão daquele. Coisa de mamãe. E a gente passando falta e Gonçalo precisando de um dinheiro pra ir estudar em Juiz de Fora, ele já aprendeu tudo que podia aqui. Mas não tem jeito não, mamãe mais papai podem juntar com madrinha e com o resto do povo, não adianta. Esse velho endemoniado não vai me pilhar nem nunca. Nem que Deus pai, nem a alma do meu avô aparecendo aqui agora e falando: olha, Maria Dulcina, aceita, minha filha, aceita pro bem de todos. Coitada de tia Mariquinha, mal esfriada na cova. Como será que ele tratou de tia na doença dela? Não na vista dos outros, ah, na vista dos outros até que ele disfarçava. Queria saber lá dentro do quarto fechado, ela se acabando no fundo do catre, sei lá. Quem é que pode com aquela carona vermelhona de olho pisco, aquele esporão tinindo na soleira quando ele aparece todo embatucado pra saudar mamãe. O pito que ele não larga, cheiro de fumo

na mão sardenta, suada. Tia Mariquinha agüentou aquilo quanto tempo? Diacho de sol este. Quenta a água da bacia que até dava pra um bom banho geral. Falta o quê? Camisa de Feliciano, lençol de mamãe, meu vestido, gosto deste riscadinho, pano bom e forte que só vendo, paletó de Juquinha. Ora pois, o Jequeri até que não é feio mesmo, tem aquela varanda fresquinha com os pés de jabuticaba dando sombra, a linda vista, pasto, morro, capoeira, a serra preta de ferro, o cemitério dos ingleses, eles que fizeram a cada de morada, muito tempo atrás. Mamãe havia de gostar. E eu que detesto fazenda? Me enterrar num buraco daquele. Nunca pude com berrado de boi e essas conversas de roçado de milho e mandioca. Mas vem todo mundo junto que até parece cobra-mandada, Deus me perdoe: pensa, menina, pensa bem, ele não é novo não mas tem com quê, e olha seu pai, olha aí. Não cospe no prato que você come, olha o futuro. Beleza não põe mesa, Maria Dulcina. Caco velho, sim, despropósito de feiúra. E nem uma prosa ele sabe dar. Gosto mesmo é de moço formado, bacharel, capaz de entrar numa roda de gente e cativar todo mundo falando bonito. Esse tal... tem mandado um auxílio pra mamãe, lá isso é verdade: rapadura, cargueiro de farinha, canjiquinha, doce e queijo da fazenda. E mamãe acostumada com fartura lutando agora nessa penúria tamanha, depois de casada e empenhada de filho. Ela até conheceu o Imperador em mocinha, no Colégio de Mariana, as irmãs fizeram uma festança, a madre superiora abriu o cofre, era um trono todo de ouro pro Imperador sentar, mamãe conta. As meninas cantaram todas de branco e jogaram um chuveiro de pétala de rosa no trono do Imperador, e ele estava lá parecendo o Padre Eterno, tão imponente com a barba que chegava a alumiar feito uma prata. Coisa pra guardar no coração, diz mamãe. Quem havia de pensar. Ah, até parece fim de mundo mamãe agora rasgando seda com o velho. Papai, coitado, esse não fala nada. É só aquela cara que faz dó. Ele que andava tão satisfeito. Todo mundo achava que em São Pedro nunca teve outro secretário de prefeitura melhor. Por que botaram aquele sem-vergonha no lugar de papai? Seu Neco diz que é coisa de política. E Valdinho pobrezinho acabou morrendo

sem recurso, cadê remédio, mamãe desorientada até rogou praga na casa: Eulália, nem você nem ninguém mais vai ter gosto dentro desta casa, Deus é grande. Também, tia Eulália não devia ter feito aquilo, pedir a casa com o menino doente, morre-não-morre. Pra receber o noivo dela na cidade, o doutor Roberval. E tanto alvoroço, tanta festa, tanta iguaria, e o enxoval dela todo branco, cheirando a cânfora, guardado na canastra grande, tanta cassa e renda do Norte. Coisa mais esquisita: não tardou muito e foi ela quem se finou, o pulmão roído de tísica, o enxoval de noiva guardado pra sempre, esquecido na canastra. Mas eu cá sou forte, graças a Deus, e Gonçalo mais Feliciano, e Bina e Juquinha também. Forte demais e até.... Lembra do Papai da Barra? Tava caindo um aguaceiro dilúvio, de noite. Ele chegou, o cavalo arfando, goteira no chapéu, pediu pousada. Velho simpático, figura assim como a de São José da capela. Só faltava mesmo o ramo de palma e o Menino. Me enxergou lá no canto escuro, eu descalça, a vergonha do vestido velho. Mocinha, chega mais perto, você é bonita. Cabelo bonito. Quantos anos? Quinze em outubro. Uma flor, boa nora pra mim, riu o velho. Pois olha, levanta a cabeça, menina. Tenho um moço solteiro em casa, estudante. Anda agora pelo Rio de Janeiro, metido nas leis. Lembra? Piscando o olho: menina, vou guardar meu filho pra você. Mas a Dulcina é menina sem traquejo, flor do mato, gracejou meu pai. Um moço do Rio, ora... Ah, o senhor com certeza já viu diamante bruto, seu Miguel? O Papai da Barra aqui tem suas patacas (batendo na algibeira), um dia ainda vai polir seu diamante. O Papai da Barra ficou parado, sorrindo. Meu pai sorrindo, o bigode sorrindo: qual... Em que rumo fica Barra de São João? Ou é São João da Barra? Na última porteira do fim do mundo. Lá tem mar, o Papai da Barra falou do marzão sem fim azul-branco-azul-verde rolando na areia, conchinhas na areia, e o moço... vai guardar o moço pra mim. O moço, diz-que é alto, pálido (não gosto de cara vermelhaça), o moço estuda pra advogado, fala bem, diz-que é tão instruído. Já pensou, você de branco, renda e flor de laranjeira. O mar rolando chape-chape conchinhas na areia branca. Ora, ora, este sabão nem parece obra de madrinha Tonha, cruz,

decoada mais rala. Vai ver entrou mau olhado no tacho, espuma pouco este desinfeliz. Até que enfim, tudo quarando. Só falta botar pra alvejar este americano cru que ganhei na barraquinha. Não quero apanhar pancada de mamãe, ela não tem sofrimento de agüentar coisa malfeita. Não sou eu que vou faltar com o respeito com mamãe mais papai. Padre Silvério me elogia tanto, modelo de filha obediente, me roça com aquela barba espinhenta, eu mais as outras meninas, quando a gente vai pedir santinho. Papai não gosta mas mamãe acha que isso é zelo demais de papai, padre Silvério é de respeito, homem velho e aprendido. Agora que estou mais uma moça, fico com vergonha de pedir santinho como antigamente. Ah, acabou, graças. Sobrou só esta miserinha de sabão, ora pois. Melhor disfarçar, esconder, mamãe com certeza vai falar que gastei demais. Agora é moer o café torrado e começar a janta antes do sol entrar. Se eles não demorem com o toicinho. Meu Deus, calor danado aqui em São Pedro. São Pedro, mundo de pedra. A gente sua que nem burro, fico doida pra vir a noite e o sereno. Mesmo de noite, é pouco o alívio, o calor fica preso no reboco das paredes, e é tanta muriçoca se estatelando no lampião e caindo nas painéis, e pernilongo ferroando a gente noite inteirinha. Até carangonço desce do forro quando a gente menos espera. Outro dia mesmo, pelo buraco da esteira. Nem sei como Gonçalo dá conta de ler com a bicharada caindo no livro sem parar. Bom pra mim que sou mulher, não tenho que estudar feito homem, é tão custoso. Mas também não quero saber de gente desconchavada e sem estudo que nem esse velho. Por falar, o que será que papai mais os outros estão conversando uma hora destas lá no Jequeri? O velho só sabe de boi e bicheira, capim meloso, safra de milho. Será que papai... Chi, Nossa Senhora, tão tarde já. Também essa morraria de São Pedro esconde logo o sol, é como morar dentro de um funil. Meio pilão de café, rendeu o que pôde. Ai, só agora estou prestando atenção nesta dor — ardor no pé que é um fogaréu doído. Não vejo a hora de entrar numa boa bacia d'água e bater na cama duma vez. Então? O marzão azul-verde longe, longe.

Eta estrada mais comprida pra esses pés emperrados sem-jeito. Mas Deus ajuda, chego no Jequeri numa hora. Sossega, sua velha boba, caminhar de noite diz-que faz bem pra saúde. Bom do tempo de calor é que a noite não assusta, tanta chieira de grilo, parece que nem a passarinhada dorme direito com esse bochorno. Seu Justino esqueceu, nem pensou aqui na velha quando agarrou o cabresto e voltou desembestado no galope. Ficou de arrumar uma montaria qualquer, que hoje era dia de festa e esta velha não carecia de caminhar mais. Por força que tinha de esquecer, depois do acontecido. A comadre mais o compadre também não podiam ter cabeça pra nada. Nem viram quando sai. Com Deus e a Santa Virgem a estrada encurta, a lua já vem saindo quase-cheia e cobra não vai se meter a besta de cruzar o raso do caminho. Sossega, mulher, põe tento nessa pisada e fé em Deus. Eu bem disse à comadre que não era de gosto da menina. Compadre Miguel também, a gente via pelo olho dele que estava se doendo. Com toda essa peleja não queria contrariar a menina: mulher, olha bem, melhor não fincar pé nessa idéia esquisita. E a comadre: estou cuidando mas é do futuro, homem. Ela não sabe o que quer, não conhece a vida. Justino foi bom marido pra minha irmã, que Deus tenha. Deu filhos pra ela, deu boa casa, boa mesa. Por que não vai servir pra Dulcina? Partido melhor, me diz, onde? Compadre Miguel desgostado acabava calando. Comadre achava que era fava contada, que sujeitava ela. A Maria Dulcina sempre foi de baixar cabeça, mas tem um nó apertado nela, uma coisa. Desde que era miudinha, me lembro. Deus é quem sabe. Eu falei, preveni. É, fiz o que podia, o que não podia: comadre, vai com jeito, espera um pouco, paciência, não precisa ir com tanta sede ao pote, o que tem de ser tem força. Mas com a dispensa vazia e tanta dificuldade azucrinando o juízo da coitada... Dá graças, sua velha medrosa, que a lua vai branqueando bem o caminho, Deus é bom pai. Depois do cruzeiro, um pulo só pelo atalho, mais meia hora aligeirando o passo. Credo, a gente sua em bica, e dizer que é noite fechada. E agora neste mundo perdido de São Pedro, quem mais vai se engrajar dela? E seu Justino? O medo da risadaria do povo...

Não tiro a razão de comadre, não tiro não. não. Mas quem segurava ela? Meu santo, nunca mais vou poder esquecer: padre Silvério esperando, seu Justino que nem anu na arapuca, aquela andança sem fim dum lado pro outro, tudo pronto, até as bestas de sela amarradas na porta, esperando. Comadre fazendo sala, já não podia mais entreter nem engambelar seu Justino. Comadre Miguel foi lá dentro buscar a menina, meu coração penava, quanto mais o dele que é pai. Com muito custo ela entrou na sala, compadre dum lado, Gonçalo do outro, o menino tão calado, ela metida no vestido branco, presente meu de aniversário, a cara inchada de chorar. Padre Silvério amontoando as palavras do costume, acabando depressa com aquilo. Será que Deus abençoa uma coisa destas? Vai dai a menina larga todo mundo na sala e sai correndo num ataque de choro. Seu Justino passado, a cara apatetada, comadre torcendo as mãos, não tugia nem mugia, compadre Miguel ali, da cor da parede, os meninos sem fala. Eu mesma é que achei perna pra ir atrás dela. Nem careceu procurar muito, ela foi quem chamou: madrinha, estou aqui. Lá, no fundo do quintal. Junto da bica d'água — e aquele brilho no olho, aquele olhar esquisito que ela tem de vez em quando. Vestido trocado, o riscadinho velho no corpo. Olha aqui, madrinha, não tem mais casamento nem mais nada, fala praquele velho, pra mamãe e papai, fala pro padre Silvério e pra quem a senhora quiser, fala pra São Pedro inteira — e levantou no ar, respingando sabão, o vestido branco novinho que ela tinha enfiado na barrela da bacia.